



## Garantido 2008: análise de projetos gráficos da revista institucional do bumbá a luz da Semiótica Aplicada<sup>1</sup>

Mayara Carneiro NASCIMENTO<sup>2</sup>

Daniel Alexandro Pacheco SICSU<sup>3</sup>

Maria Clely Ferreira da SILVA<sup>4</sup>

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

### RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar semioticamente os projetos gráficos extraídos da Revista Institucional do Boi-Bumbá Garantido de 2008, com o tema “O boi da preservação”. A apresentação anual dos projetos depende muito do tema, se for um tema mais complexo maior serão os detalhes. O interesse é destacar a comunicação que vai manter o equilíbrio do produto para que o leitor visualize e possa compreender o que a estrutura gráfica quer representar. Dessa forma, serão evidenciados, à luz da Semiótica Aplicada, a análise figurativa do mateiro, farinheiro e pescador, considerados elementos inclusos no quesito Figura Típica Regional no momento de apresentação do bumbá na arena do Bumbódromo durante os três dias do folguedo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Boi-Bumbá Garantido; projetos gráficos; linguagens; ribeirinho; Semiótica.

### INTRODUÇÃO

Parintins é uma cidade do interior do Estado do Amazonas conhecida internacionalmente pelo Festival Folclórico realizado anualmente no último fim de semana do mês de junho. Reflete a brincadeira do Boi-Bumbá que virou tradição no município, composta pela disputa de duas agremiações folclóricas: Garantido e Caprichoso. Cada bumbá distribui, no período da festa, diversos produtos como forma de *marketing* direto, publicidade e comunicação integrada à respectiva instituição. Dessa forma, o objetivo do artigo tem como premissa analisar três projetos gráficos extraídos da Revista Institucional do Boi-Bumbá Garantido referente ao ano de 2008.

A finalidade é revelar, à luz da Semiótica Aplicada a Comunicação, um dos gêneros discursivos praticados em Parintins, de forma escrita, com junção de imagens e

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte a ser realizado de 01 a 03 de maio de 2013.

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo. E-mail: [mayara\\_bae@hotmail.com](mailto:mayara_bae@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo. E-mail: [danielsicsu@hotmail.com](mailto:danielsicsu@hotmail.com)

<sup>4</sup> Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo. E-mail: [clely.jornalista@yahoo.com.br](mailto:clely.jornalista@yahoo.com.br)



palavras. Abordaremos conteúdo temático, estilo e constituição composicional, haja vista que a Semiótica estuda tudo aquilo que aparece à mente, real ou não.

Devemos tomar a Semiótica para analisar os efeitos dos métodos utilizados nas revistas institucionais, em especial a publicação de 2008 do boi Garantido, para atingir o público. Primeiro, precisamos conhecer o contexto, cultura e a sociedade dos signos para chegarmos ao efeito “real” da mensagem.

As revistas institucionais da Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido iniciaram-se a partir de 1998 e são produzidas anualmente pela Comissão de Artes e pela Assessoria de Imprensa do bumbá. São produzidos dois tipos de revistas: a institucional e a revista-guia de arena, esta última com embasamentos teóricos e riqueza em detalhes não inclusos na revista distribuída ao público.

A primeira é destinada ao público externo, para elencar o trabalho do bumbá e também da gestão administrativa, visto que o objetivo principal é expor o trabalho da então presidência comandada por Vicente de Matos e a narração do que será apresentado na arena do Bumbódromo (local de disputa dos bumbás Garantido e Caprichoso). A segunda, por sua vez, é direcionada aos visitantes e, principalmente, aos jurados, pois sistematiza a apresentação do bumbá na arena e narra cada item e respectiva função que ali se apresentará para que eles fiquem inteirados do que ocorrerá em cada instante da apresentação e, assim, possam analisar os quesitos a serem julgados.

Quanto à veiculação em meios massivos, Nogueira (2008, p. 208) assevera que “aceleram a circulação dos bens culturais em escala inimaginável se os compararmos aos transportes físicos. Essa constatação ganha mais força ainda na realidade amazônica”. Partindo desse pressuposto, conclui-se que essa aceleração “estimula a resignificação dos eventos que ritualizam o cotidiano dos povos – ou que ela inventa e reinventa estilos de vida, para atraí-los ao mercado” (p. 210).

## **CONTEÚDO TEMÁTICO**

Analisamos três projetos gráficos os quais representam o gênero secundário, que segundo Bakhtin (2003, p. 262) “surge nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado, como o campo artístico”.



Dessa forma, entra em relação com o mundo que está fora ou além da sociedade em que é produzido.

O produto em questão apresenta como conteúdo temático o estilo de vida do ribeirinho amazônida, o caboclo, o qual representa uma das mais importantes figuras da região. Além disso, expõe um estilo ou linguagem visual e com uma construção composicional em que as cores obedecem ao critério da singularidade da cor vermelha e suas variações que representam o Boi-Bumbá Garantido. O elemento neutro é a cor verde e a disposição da página traz a figura ou o alvo do conteúdo temático no centro, destacando-o.

Não há uma valorização da verticalidade ou horizontalidade, pois o espaço é todo ocupado, a simetria é similar a uma pirâmide com bases largas. A princípio, a impressão é que são desenhos escaneados, contornados e coloridos graficamente no computador.

Os elementos constitutivos de um produto devem nortear o olhar do público a um meio de informação e expor o objeto principal. Com isso, os projetos gráficos desenvolvidos pelos artistas de ponta<sup>5</sup> do Boi-Bumbá Garantido vão conduzir os membros de equipe sobre quais materiais deverão usar, os mecanismos de produção dos detalhes das alegorias<sup>6</sup> a serem apresentados na arena e deixar os leitores cientes dos significados dessas projeções.

As alegorias produzidas e criadas a partir dos projetos gráficos são apresentadas na arena do Bumbódromo durante o espetáculo, cujos movimentos são robóticos. Elas têm o papel de revelar o imaginário caboclo/indígena amazônico e são arquitetadas e construídas pela própria mão de obra parintinense.

Os elementos mateiro, farinheiro e pescador foram os elementos explorados na Figura Típica Regional durante as três noites de apresentação do festival. O objetivo de apresentar atividades e funções durante a celebração folclórica se dá por esses três personagens serem tipos humanos característicos da região. Perpassa a transfiguração entre negros, brancos e índios, o que resulta na figura do caboclo amazônico.

---

<sup>5</sup> São denominados “de ponta” os principais artistas, ou seja, os líderes por determinada agremiação folclórica.

<sup>6</sup> Estruturas que buscam representar a realidade amazônica, presentes no quadro teatral de cada agremiação do Festival Folclórico de Parintins, as quais atingem até 20 metros de altura.

## DESENHOS E SIGNIFICADOS

O objetivo dessa análise é destrinchar os elementos que formam os desenhos e sua relação de semelhança. As imagens dispostas em fotografias, vídeos, *design*, *banners*, etc., perpassam por uma linha de identidade que vão orientar significações, abordagens, funções e a natureza do signo. Joly (1996, p. 10) afirma que “(...) a utilização das imagens se generaliza e, contemplando-as ou fabricando-as, todos os dias acabamos sendo levados a utilizá-las, decifrá-las, interpretá-las”. As características da imagem estão ligadas essencialmente ao seu contexto pragmático.

De acordo com René Gardies (2008), a reflexão e observação mostram que as imagens estão progredindo, uma vez que essas representações são desenvolvidas pelas distintas visões e interpretações. O sujeito passa a olhar ao redor com outras considerações, deixa o lado comum para desvendar outros horizontes, os quais às vezes nem percebe que existe. Em análises, é preciso conhecer algo para compreender um contexto, visto que apenas características comuns são incapazes de desvendar a imagem fiel.

As três representações analisadas, sendo a do mateiro da Amazônia, o pescador e do farinheiro, são elementos dispostos nas figuras regionais da própria organização social e cultural da Amazônia. Vale ressaltar que são semelhantes em estrutura gráfica e estão intrinsecamente ligadas.



O primeiro objeto a ser abordado é relacionado à figura do MATEIRO. A princípio, conferimos nos desenhos uma ordem cronológica de análise. O projeto gráfico “Mateiro da Amazônia” foi extraído da revista do Boi-bumbá Garantido, ano 2008, que faz parte do gênero de discurso secundário ou visual.

O mateiro da Amazônia é uma figura típica regional da Amazônia. Ele representa a íntima relação da passagem do conhecimento ancestral indígena para os



elementos humanos que compuseram a figura do caboclo que vive nas brenhas da mata para coletar frutos como tucumã, uixí, piquiá, pupunha, açai, cupuaçu, castanha e outros produtos da floresta que servem como base da alimentação regional. O mateiro é também responsável pela coleta de sementes, cascas de árvores, ervas e óleos medicinais, produtos utilizados no cotidiano dos povos da Amazônia.

No projeto “Mateiro da Amazônia” explora-se as características da vida e o trabalho do mateiro, meio de sobrevivência dos povos que vivem na Amazônia. Na parte central do projeto gráfico existe a caricatura de uma mulher (o rosto), a qual seria a “Mãe da mata”. As mãos estendidas na forma de raízes expostas representam a floresta, a biodiversidade.

A disposição da “Mãe da Mata” no centro do projeto, com uma fileira de terra culminando em um coração, isso pode ser interpretado como o coração da Amazônia. Além disso, os braços de rio do lado esquerdo e direito compondo o centro como uma ilha, é propriamente Parintins.

As diversidades de cores usadas no desenho estão diretamente interligadas a um dos elementos que constituem a floresta amazônica, o mateiro. A cor mais visível no projeto é o verde. À cor verde, confere-se neutralidade e isso disponibiliza ao autor de qualquer desenho uma multiplicidade na sua utilização enquanto índice de representação da natureza.

O verde é a cor mais calma, pois alude à Amazônia, não desperta nem alegria, nem tristeza, diferente da cor vermelha, pois nesta já vem inserido o parâmetro histórico-cultural e social do Boi-Bumbá Garantido. Nesse contexto, Braga (2002, p. 453) afirma:

Existe uma fidelidade de cor, ou código cromático. Tanto que nas projeções gráficas de Caprichoso e Garantido, toma-se o cuidado de não usar as cores equivocadamente. A lição das cores são referentes culturais, no esboço de uma Teoria das Cores, Goethe tem razão quando ratifica os estudos de Newton, reconhecendo como as três cores primárias essenciais, o verde, o azul e o vermelho.

A segunda figura é a do FARINHEIRO. O projeto gráfico de figura típica regional da terceira noite do Festival de Parintins apresenta “O farinheiro”. A mandioca é uma planta nativa da Região Norte e se constitui o principal produto agrícola dos

índios, mesmo antes dos colonizadores. É também a base da alimentação do homem amazônida.



No desenho de Jonathas Marinho (Joinha), percebe-se a presença predominante das cores verde e amarela. A cor amarela é evidenciada através do tucupi, da farinha e dos instrumentos utilizados pelo caboclo no seu preparo. O verde fica evidente através das folhas de mandioca e

na figura de Mani. A inserção do item feminino é perceptível quanto à divisão do trabalho, pois as mulheres ralam a mandioca e socam no pilão, enquanto que os homens torram a farinha no forno rústico e torcem o tipiti para retirar o tucupi.

Se pensarmos, por exemplo, um determinado amarelo em tons diferentes - amarelo acinzentado da palha, o amarelo vivo (ou claro) do tucupi<sup>7</sup>, surge à questão: por que o autor escolheu essa tonalidade? Para Lévi-Strauss (1991, p. 453), “só há cores na pintura por que já existem seres e objetos coloridos, e é apenas por abstração que as cores podem ser descoladas desses substratos naturais e tratadas como termos de um sistema separado”.

Em concordância, Gardies (2008) assegura a importância do saber ao interpretar uma representação concreta, os costumes sociais, por exemplo, orientam no momento a percorrer e buscar outras similaridades, assim como características que devem ser alcançadas em mínimos detalhes. As imagens são examinadas através da influência que a vida cultural exerce, ou seja, como ela é apresentada perante as práticas da sociedade.

Por conseguinte, analisamos a figura típica “O Pescador”. Ele que representa muito bem o exemplo do equilíbrio entre o homem e o meio ambiente amazônico. O quadro regional que ampara esse projeto é a inseparável canoa e o pirarucu como símbolo de espécie ameaçada.

<sup>7</sup>Bebida fermentada extraída da mandioca.





São perceptíveis no desenho gráfico as cores verde, laranja e vermelho. Cada uma com seu significado completa a harmonia da figura. O desenho é rico em detalhes, pois mostra vitórias régias, aves típicas da região com diversos tipos de plantas e outras espécies de peixes.

A figura do pescador ganha destaque no centro do gráfico, com seu traje típico o qual simboliza o vestuário caboclo - camisa quadriculada, chapéu de palha, calças largas – bem como a atividade que ele exerce no cenário amazônico. Percebe-se a vinculação da imagem caricata do caboclo mestiço, o índio, grotesco e o maltrapilho. Segundo Santaella (1983, p. 12), “(...) todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido”.

O projeto gráfico do pescador simboliza e ilustra o cenário que será reproduzido em forma de alegoria na segunda noite de Festival. “A alegoria como elemento central da encenação, em torno do qual são compostas as diferentes cenas envolvendo uma visão supostamente mestiça cabocla sobre a Amazônia” (BRAGA, 2002, p. 418).

A ideia do projeto é repassar a realidade do povo amazônico e, principalmente, do pescador ribeirinho que tem como alimento principal o peixe. Para Santaella (1983, p. 14), “(...) não apenas a vida é uma espécie de linguagem, mas também todos os sistemas e formas de linguagem tendem a se comportar como sistemas vivos, ou seja, eles reproduzem, se readaptam, se transformam e se regeneram como as coisas vivas”.

A partir da análise singular de cada texto imagético, questionamos: O que há em comum entre a imagem do pescador e as outras duas figuras personificadas? Primeiramente, é perceptível a predominância da cor verde, a qual representa a natureza. Uns exploram mais e outros menos, com o intuito de aplicar neutralidade frente às outras cores. A estrutura como foi feita o gráfico também é outro ponto em comum, pois em ambas a figura principal fica centralizada na tela.



O que os diferenciam é a forma que é feito o desenho, detalhando os traços do rosto do pescador, no formato da boca, queixo, sobrancelhas e maxilar. Esses detalhes ajudam a dar um “ar” de sutileza e realidade no projeto. O modo como foi feito o desenho é obra do artista Vandir Santos, parintinense, agente e conhecedor da cultura e realidade da região.

Em suma, todos os desenhos (Mateiro, Farinheiro e Pescador) exploram a vida do homem caboclo, bem como diferentes aspectos da cultura indígena circunscrita na Região Amazônica. O agrupamento dos elementos figurativos é afetivo, identitário, pois se trata de uma linguagem sensível e visual que remetem ao dramatismo do cotidiano. São projeções de alegorias e para Braga (2002, p. 423) essa tendência não é oriunda originalmente desta região, pois:

Há na representação teatral da celebração folclórica uma estrutura semelhante *acommediadell'arte* do período renascentista italiano, compartilhando diversos elementos comuns: um incrível censo de espaço cênico, de mímicas, material pobríssimo, mas incrível de invenções, com personagens reais e fantásticos, que em geral são ignoradas pelo público culto.

Quanto ao interpretante imediato, a produção de sentido induz a algo. Sendo assim, têm-se a possibilidade de perceberem que é um desenho ou projeto gráfico. O dinâmico, que é o efeito singular que o signo produz em cada intérprete particular, realça através dos projetos gráficos a realidade da vida ribeirinha.

Os projetos gráficos seriam icônicos e indiciais ao mesmo tempo. Ícone, porque o desenho possui qualidades e características, como a variedade de cores e detalhes que representam os elementos da floresta amazônica, da vida da população local, a base da alimentação dos ribeirinhos e as suas atividades econômicas. O projeto gráfico é indicial para o receptor que obtém o conhecimento da cultura amazônica, mas para as pessoas que conhecem a cultura da região não é indicial, pois os mesmos não possuem informações necessárias para se reconhecerem no desenho, o qual seria algo desconhecido ou exótico.

Partindo do princípio de que esses desenhos dependem do campo associativo por similaridade, os quali-signos despertam na mente de algum intérprete um outro signo. Santaella (2005, p. 36) trata justamente disso, pois “quando exploramos o aspecto





icônico do signo, devemos estar atentos ao poder sugestivo e evocativo dos qualisignos, pois é desse poder que depende a possível referencialidade dos ícones”.

Diante deste pressuposto, tomemos como exemplo o Boi-Bumbá Garantido. Identifica-se de imediato a cor vermelha que o caracteriza na singularidade. A cor é um importante signo cultural para a leitura de qualquer contexto das encenações, da perspectiva e performance. Tão logo, o bumbá, em suas projeções gráficas ou desenhos, explora a cor vermelha e suas variações. Para Braga (2002, p. 433), “este entendimento se aproxima de uma antropologia interpretativa, interessada em inscrever ou projetar a ação dos sujeitos em um meta-discurso ou uma tela imagética”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As imagens desenvolvem-se cada vez mais com o passar dos dias, pois os responsáveis pelo seu desenvolvimento ao agregarem pormenores do cotidiano amazônico como os rios e a mata, por exemplo, enriquecem visualmente e atraem olhares e observações para um resultado de compreensão ampla. Por isso, o modo de como lidar com o objeto é ligado aos conhecimentos obtidos previamente por cada indivíduo, já que o ambiente visual varia de acordo com o meio social.

Desde o surgimento das hipermídias, Lúcia Santaella afirma que faz-se necessário o estudo da Semiótica para compreender como os signos agem. Ressalta ainda, que eles não param de evoluir e devemos entendê-los e acompanhar seu crescimento.

O gênero estudado nos itens da produção simbólica do município de Parintins, os desenhos em projeções gráficas observados semioticamente, elucidou a íntima ligação dessa produção com a exploração do cotidiano da região amazônica no contexto da auto-afirmação do popular. Das construções que se derivam todo o imaginário do Festival Folclórico, bem como das manipulações utilizadas no produto, como forma de sedução, provocação e tentação.

As cores, o formato e a linguagem visual em si despertam para quem vive nesse espaço a identificação direta. Enquanto em outros contextos se reproduz uma vinculação do próprio cenário político-social e cultural do país.



A Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido e todo corpo técnico de Comissão de Artes e Assessoria de Imprensa disponibilizam as revistas institucionais voltadas aos múltiplos olhares inclusos numa sociedade. Com isso, tanto o lado informativo ou de *marketing* precisam apresentar a realidade fiel, contra ou a favor de algo. Cabe a eles o papel de ser imparcial e ao público o papel de apreender o que é disposto nos produtos, cujo intuito é assimilar o conteúdo que será apresentado durante as três noites do folguedo.

Na busca de persuadir o público, exemplificamos os mecanismos envolvidos nas três figuras analisadas para evidenciar os instrumentos e linguagens utilizados para expor um objetivo. O produto busca, de alguma maneira, representar três elementos da realidade amazônica a ser aceita e conhecida pelo público, com argumentos que justifiquem que aquilo é real e determinar a mesma ideia.

A importância em divulgar e desvendar o papel do homem amazônida junto à floresta foi uma das inquietações em analisar os elementos do mateiro, farinheiro e pescador, apresentados na respectiva revista. É importante ressaltar que a análise dos projetos gráficos, à luz da Semiótica, nos faz entender o porquê da escolha das cores, detalhes, composições, o que resulta na exposição do caboclo no momento da apresentação do bumbá na arena, visto que o intuito é valorizar identidades e defender um personagem determinante em meio regional.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Rio de Janeiro: Funarte/ Editora Universidade do Amazonas, 2002.

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

NOGUEIRA, Wilson de Souza. Festas Amazônicas: boi-bumbá, ciranda, sairé. Manaus: Editora Valer, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1938. (Coleção primeiros passos: 103)

SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. Imagem: semiótica, cognição, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2005.



CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégicas para Entrar e Sair da Modernidade*. 3ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

GARDIES, René (org). *Compreender o cinema e a imagem*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

HERNANDES, Nilton. *A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público/Nilton Hernandez*. – São Paulo: Contexto, 2006.

JOLY, Martine. *Introdução à leitura da imagem*. São Paulo: Papyrus, 1996.